

O INVISÍVEL
MEL DOS FIGOS

Livro 4

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação

Aos meus irmãos
João Carlos Curi
e Luiz Carlos Curi (in memoria)
e Julia Curi Hallal

Roberto Curi Hallal

DE ONDE

Venho feito barro, sangue, memória, histórias, migrações por fome, por guerras oferecendo o sangue dos inocentes. Venho de cruzar mares, desertos, venho de andar em silêncio, de gritar de medo, de não dormir de noite ouvindo a voz do pensamento acariciando meu passado.



DO TEMPO

Do tempo vêm surpresas vãs, olhos alheios, a tardança, a demanda, a pressa, o atraso, o mau tempo, o bom tempo, a madrugada, a vigília. Com o tempo, quando a morte permite, vem a velhice.

PORQUE ERAM LIVRES

Porque eram livres, criaram; porque eram reconhecidos, agradeceram; porque eram sábios, acumularam - como as pedras; porque eram pacientes, esperaram; porque eram prudentes, selecionaram. Respeitosos, guardaram suas histórias.



DESCOLORIDA A MESA

Descolorida a mesa, perderam-se as flores, o sabor das pessoas, a coragem com que confessei tantos amores, tantos outros em nós contidos. (A mesa coberta da memória ancestral, da memória atual conhecendo, reconhecendo.)

RESIDÊNCIA DOS MORTOS

Pela residência dos mortos andam almas infelizes, anjos descompensados, diabos disfarçados, santos degradados, mulheres apressadas, homens atrasados, crianças abandonadas, jovens aviltados, excluídos de todos os tipos, refugiados de terra e mar.



MEU PASSADO

Meu passado tem ruas escuras, sangas com sapos cantores, insistentes passos e um assovio sonorizando meus medos. Meu passado carrega a fragilidade encravada na minha infância.

OS PRIMEIROS E OS ÚLTIMOS

Os primeiros e os últimos familiares estão confundidos com o barro, com o ar tornado pó original, o fogo, berço do sol, a água nos jardins tornada fonte, espelho e movimento. O que foi deles será nosso e dos que nos sucederem.



AS CALÇADAS

As calçadas, as portas e as janelas mediterrâneas têm memória de corpos suspensos entrando e saindo, com o olhar na borda da espera.

LUGARES

Reintegro os lugares ancestrais, persistentes na pele, nos ossos, nos hábitos, nos motivos que se apropriam da barba e do bastão, do trigo nativo.



MONÓLOGOS

Meus monólogos pretensamente confidenciais espalham diálogos interiores por meus arredores, abrem portas, braços, liberam risos, beijam nuvens, abraçam anjos. Um alto grau de alegria exila a tristeza buscadora de contágios.

OS AMORES CARECEM

Os amores carentes, se parecem. Cercados de ânimos, carregados de esperas, de vazios, esperam acolhimento. Alternam-se em turnos, nas recepções e nos oferecimentos, curvam-se humildes, expectantes por realização. Os amores sobram e faltam. Urgentes, pacientes, inteiros, fraturados, velhos, envernizados, novos, arranhados, repetidos, desdobrados, fracassados, ruidosos nas transparências e nos segredos.



SOMOS TODOS IMIGRANTES

Somos imigrantes dentro dos nossos próprios países. Lutamos por uma identidade e por um reconhecimento. Silenciosos vivemos da privação de futuro em um mundo cheio de perigos. Nunca a violência foi imperativa e sem fim como agora. Somos sobreviventes desamparados.

ATALHO

Antes de tornar uma batalha crônica e influenciar as opiniões de alguém, evito o infortúnio como epidemia, me torno inimigo das bajulações. Encho-me de inspiração para não infiltrar a confiança com a intenção amoral que me quer convencer a aceitar o inaceitável: o ladrão que me quer roubar o suor, a ideologia proliferada. Não aceito reembolso pelos territórios roubados, nem no exílio me ajustarei.



TOLERO

Tolero uma força que se utiliza, sem o meu consentimento, do que é meu. Entre um cérebro que percebe e executa e um humano que funciona e é mais do que um personagem.

SUSPEITO

Suspeito sou para falar desta sentença, de uma despedida sem volta, imprevista, improvisada, advertência de que a morte não pede licença para vir.



SEDE BEDUINA

Uma sede beduína insiste em encravar-se na minha pele, percorre muitos mares e desertos até provocar o cansaço, viajando sem direção, passeando por todos os faróis e oásis em busca de um resgate.

SINGULARIDADE

Minha singularidade circula pelas veias por onde tento ter os sentidos hábeis a flor da pele. A vida, com seu poder, cria uma lógica própria. Quando sou companhia, convivo em paz antes do amanhecer e me torno um tormento ao anoitecer.



TRAGO OS SONHOS

Trago os sonhos guardado nos olhos, trajetória que nivela os tempos. Em camadas, personagens e fantasias atravessam o portal da razão, reviram lembranças, caminham por um lugar onde a realidade já não passa.

ESTACIONEI

Estacionei-me náufrago perto das âncoras que o mar acolhe, insistente. Em busca do caminho das utopias, confinado e governado pelos ventos, meu corpo salgado aspira encontrar o lugar onde se esconde o futuro.



NAVEGO

Navego em limites estreitos, onde se instala a perplexidade com que sinto o fundo do rio fundido com o barco chocado, com a âncora danificada e com as velas rasgadas.

DOS PRAZERES

Carrego nos hábitos a umidade e a sede generalizadas causando desfechos, tentações, procuras, assombros e medos. Desorganizo meus temores produzindo certezas exageradas. Divulgo uma nota de convencimentos germinando ideias escolhidas, o sangue novo e a esperança redimida. Não sei se é sangue ou coragem o que corre nas minhas veias toda vez que uma exuberante disposição aparece com ímpeto, tirando-me do descanso; cada vez que algum farto convite me faz gostar do esgotamento saído dos prazeres.

OS ITINERÁRIOS

Os itinerários dizem por onde andei, falam da minha solidão optada, da desaceleração das urgências, das pontualidades e dos atrasos, se estive a bordo ou à borda da intolerância, aos ecos da assimetria, ao excesso de especialistas do supérfluo. Os itinerários falam da alteração de caminhos, da perda da admiração, das outras encantadas fronteiras, agora excludentes e feridas por muros.



INTIMIDADE

As saudades aproximam e tomam distância. Servem de ocasião para rever e esquecer, evocam o que já aconteceu, nos aproximam sem estar por perto. Estranhamente familiares, penetram na intimidade vital.

MEUS CENTROS

Meus centros vitais circundam meu corpo. Uma disposição milenar alberga-se em redes que o atravessam.



MOINHOS

Ponho em dúvida o papel central que desempenho. A pluralidade de leituras que acolho são tantas quantas as senhas e os números que complicam a minha identificação. Insatisfeitos com meu nome e sobrenome, molestam meu passado e a minha atualidade. Sou confundido entre o rosto que tenho e a foto do rosto que já tive, e muitas são às vezes em que me negam o reconhecimento. Exigem que eu abandone aquele que fui e faça documentos atuais, com se eu fosse uma única realidade. Esses negadores só veem as limitações, pouco ou nada sabem das minhas vantagens em haver chegado aqui.

VANTAGEM

Talvez a vantagem da idade longínqua seja a legitimação das lembranças.



ACORDO

Do acordo criaram pontes entre os corpos exauridos e os sonhos concebidos. Embalaram-se, sonegando atritos, caçando memórias, equilibrando as lembranças e distribuindo-as como novidades dentro das antigas retinas.

A SAUDADE CAMINHA

A saudade caminha em silêncio, passeia pelos meus sentidos, às vezes na melodia, outras, nas sementes se infiltrando, recuperando vivências extraviadas, deixando recados no meu presente.



DISTÂNCIA

Meus sentimentos deixam a impressão de que não existe à distância.



QUE FAÇO

Quê faço com meus sonhos, se eles perduram?

É O OLHAR

É o olhar em si que se esgota como experiência única



CICLOS

Transformei-me em um discurso, sem saberes particulares e longe da realidade. Apareço como um especialista de conhecimentos gerais, de territórios inexplorados. Faço despedidas, armadilhas, interrogo e julgo. Especulo, começo e não acabo. Provo aos bocados, gosto de passear pelos desertos e recomeçar ciclos.

MIGRADAS

Quero carícias migradas, desertoras de abraços que não valeram a pena. Quero carícias desembarcadas, com esperas camufladas, vazando coragens restauradas.



ÂNIMOS

Os ânimos oriundos dos encontros habituam. Dando elementos inspiradores, convocam a exuberante dureza do cedro e a suavidade poderosa de um conto de aldeia.

DECIDO

Decido afastar-me da realidade atual com fantasias retiradas de um conto medieval acompanhado de uma dançarina egípcia e um poeta árabe. Em fuga por detalhes grotescos, redescubro e sequestro uma permissão para continuar inventando transgredir a solidão com motivos renovados.



NAQUELA UTOPIA

Em Utopia as riquezas eram prerrogativas sem função econômica; eram os cantos, as pessoas, as cores do dia, os rios, as flores. A vida era vista como um lugar que não deveria ser gasto com rivalidades.

QUEM OUSE

Nunca se saberá o que guarda um coração exilado.



A SOBERANA IMPREVISIBILIDADE

Há sentimentos que estão sempre presentes, e outros, sempre ausentes. Alguns não se subordinam à razão ordenadora, pois algumas das suas motivações tomam atalhos, enquanto outros tomam alguma tangente, não guardam nenhuma relação com o acontecido e tampouco oferecem indícios do que virá depois. A soberana imprevisibilidade faz suas práticas acidentais desconstruindo permanentemente as previsões. Cada sentimento tem sua organização própria, que não se estende a nenhum outro.

REMOTAS LEMBRANÇAS

As lembranças mais remotas ganham formas de gostos básicos. Atualizadas, essas antigas preferências se transformam em sabedoria capaz de devolver-lhes a vida com permissão para ser vivida.



HERANÇAS

Outorgada e validada a herança distribuída, a propriedade foi reduzida. A herança consistia num aglomerado de palavras. Para compreendê-las, os herdeiros deveriam ler todos os livros que as acompanhavam, deveriam permanecer sentados sem vacilar até que começassem a compreender que neles estavam os valores dos nascimentos e amadurecimentos alcançados por várias gerações. Pagamentos de retribuições incluíram a propriedade principal, que contava a história, elo dos bens mais valiosos. Em consequência, não se receberia nenhum favor sem retribuir.

NEGÓCIO PRIVADO

Vivendo em um mundo agitado, somos todos maus marinheiros. Velas içadas e faróis ancorados nos transportam ao acaso e ao vento.



OS DEPRIMIDOS

Os deprimidos levam no corpo a derrota que todos veem. Carregam invalidadas suas identidades por falta de olhares que os vejam. Conhecem o vácuo dos peitos ausentes, a falta de alegria.



NOMEAR

Nomeie-se o trigo, o pão e as mãos escultoras por seu nome e sobrenome.

ÁGUAS

Nos jardins da Alhambra e outros palácios árabes, circulava água em abundância. Os construtores justificavam sua inclusão apoiados em três leituras: fonte, movimento e espelho.



FUNDA E FORTE

Uma relação humana que se pretenda profunda e forte deverá estabelecer uma aliança objetiva num processo de cooperação, na repartição de papéis, no aprendizado do navegar e ancorar.

NA ROTINA

Frequentemente a vida é vivida como se fosse uma terrível crise de perigos necessitando permanentemente de salvação.



ATRAÇÃO PERIGOSA

É uma atração perigosa constatar-se a boca de quem proclama conexão entre a paixão, que assombra, e a outorga de poder que imprudentemente o amor concede.



UM RIO

No fundo da minha infância há um velho rio vestido de águas sempre novas.

A CORAGEM DOS FANTASMAS

Falta-me a coragem dos fantasmas, a perseverança dos insistentes, a paciência dos ouvidores. Falta-me a perspicácia dos negociadores, a simpatia dos vendedores, a criatividade dos poetas, o labirinto dos mistérios. Falta-me redescobrir a alegria da comemoração.



VÁRIOS GOSTOS

Gosto de reler cartas, bilhetes, anotações, recuperar aquilo que um dia já foi importante, ficar frente à frente com aquilo que ficou perdido em alguma gaveta. Gosto de folhear livros e reencontrar-me com tudo aquilo que sublinhei, tomado como empréstimo. Gosto de sentir estes sinais dispensados no tempo, simples rasuras declaradas como acessórias.

REFÚGIO

Refugio-me no passado, onde tudo é certeza.
Desorganizo os obstáculos numa inocente defesa,
acreditando na proteção vitalícia do anjo da guarda.
Fingindo um casual encontro, deposito meus sonhos
nas suas asas.



ENCANTADOS

De alguma forma a realidade se encarrega de corrigir
os excessos, as ilusões, a calma trazida, oportunos
desacordos e a imaginação desenfreada que, orgulhosa,
nunca aceita deserções nem amores encantados que
não possam ser esquecidos.

A PARTIDA

A partida deixa uma sensação de vazio difícil de cobrir, enquanto a ilusão do retorno desaba com tantas ausências, tantas dores agravadas invadindo sem controle a solidão, o lugar vazio.



CORTESIAS

Minha razão se dispõe a desistir, meus afetos exclusivos procuram por reciprocidades, por acordos que vinculem que transbordem condições absolutas e transformem indiferenças em cortesias.

NOSSAS ILUSÕES

Somadas, as ilusões vão longe, atravessam desesperos, desertos, naufrágios, surpresas, desvios, entardeceres, noites mal dormidas, jardins replantados, revirados sossegos.



CONFIDÊNCIAS

Encarregadas de revelar os mistérios do amor, as confidências são o eixo dos amores, com os quais passam dias e dias comovidas, esperando amores coincidentes. Entre silêncios, deixam alguma inscrição.

IMORTAIS

Imortais sentimentos passeiam nas Artes, nos mistérios que alimentam outros mistérios, na renovação dos amores, na restauração das esperanças, nos filhos, nos filhos dos filhos.



SENTIDO ORIGINAL

No sentido original, produto do amor carnal, as marcas de humanidade evocam vínculos, cuidados feitores de lembranças que, inscritas na pele e na alma, jamais poderão ser esquecidas.

SER FELIZ

Uma possibilidade de ser feliz, para mim, consiste em escolher caminhos a favor, usar uma linguagem acessível à finalidade proposta, traduzir o hermético das coisas e o segredo das pessoas. Ser feliz é expropriar o ódio intrínseco.



TRANSITÓRIAS COMPANHIAS

Companhias transitórias trazem poucos fundamentos para a existência.

QUERO FRONTEIRAS

Quero fronteiras para ir e vir, origem e destino definidos, comuns. Quero passaportes que carreguem abracadabras habilitadores, que tornem possíveis os reencontros, os retornos, as novas chances, passes subversores de muros e controles, permissão para o sonho da sobrevivência.



GIRA

Gira ao meu redor um clima úmido; abundantes efeitos colaterais prometem o retorno das fúrias, ressurgidas do passado anulado, escapando do controle em que se meteu, fingindo calmarias.

ESTRANHO CÓDIGO

Um estranho código me faz confessar memórias recém-recuperadas; elas me alcançam como o vento que canta misturando as raízes; essas memórias descontroladas descobrem o que esqueci de contar.



SINAIS DE VIDA

O tempo não espera permissão, simplesmente ocupa seu lugar. Costumeiramente, avança, sem nunca se atrasar, passa por perto, nos dá sinais de vida, nunca fica, apenas faz um pequeno intervalo nos grandes sustos e na hora da morte.

COMPASSO

Um batimento mais orgânico, movido por engrenagens ocultas, dá-me indícios de alguma circulação. Essas engrenagens me acompanham em qualquer lugar. Indicam-me uma posição do que está sucedendo, ordenando alto, sonora e significativamente, a exaltação dos sentidos e o compasso dos órgãos.



LUGARES E PESSOAS

Meus sonhos seguem impregnados de lugares e pessoas. Eles me seguem ora como sombras, ora como sóis, ora como anônimos. Entre deslumbramentos e cuidados, me livram de pagar resgates, me acostumam às surpresas celebradas, a moldar o ferro, a plantar, a gestar o tempo, a recordar.

GIROS

Sem deixar rastros, o redemoinho fez do seu desaparecimento uma aventura de procuras logo convertidas em uma perseguição obsessiva. Decidiu mudar o destino próximo ou longínquo escondendo-se em um cofre do banco de areia. Deixou algumas passagens, agora repetidas pelo caminho, uns poucos encantos breves, fugas mal sucedidas. Alguém afirmou havê-lo visto, parecendo dançar no ar em busca de uma rota até encontrar a paz, antes de desaparecer.



TEMORES

A falta de ruídos produz em mim temores repentinos. Se ouço gritos, eles são anúncio de seres desesperados; se ouço ecos, são ilusões de respostas; se ouço cantigas, embalo-me; se escuto discursos, sei tratar-se de narrativa mal sucedida; se ouço o vento, sei-o rápido e passageiro; se ouço o silêncio, penso ser a morte calada, escassa em movimentos, definitivamente sem palavras.

APESAR

Além da mudança na minha pele, incluo as rugas, os cabelos brancos, o olhar mais cansado, o passo desacelerado, a esperança ferida. O grão infértil me converte em testemunha da aventura de envelhecer.



SONHOS MEUS

Gosto dos meus sonhos, que me transportam que vencem barreiras, mudam a velocidade, transformam pessoas, acordam os mortos, elegem e demitem rainhas. Ruidosos e à prova de som, espiam dentro das cavernas e mergulham em águas profundas, selecionam as queixas e se abstêm de opinar, ressuscitam a coragem e põem o medo no seu devido lugar. Gosto dos meus sonhos, feitos de uma arquitetura singular, versões originais e comoventes de minhas profundezas silenciadas.

NAS INSÔNIAS

Nas insônias ressurge o passado no presente, a ausência dos corpos preenchida por nostálgicas marcas. Abraços imaginários encontram alguém distraído estranhando o descanso.



FINGINDO ALEGRIA

A misteriosa presença de um ator fingindo alegria foi o suficiente para afugentar as ruínas. Aproveitando a burla, fez o medo vagar sem fim.

OCULTO

Sob juramento; meias verdades. Mantive a alternativa do anonimato. Por ordem impositiva, me encarrego de endurecer os prazeres e assustar as tentações. Perante nego a minha Natureza, finjo-me ser outro até que desapareçam.



CONSAGRADO NO SILÊNCIO

Meus prantos buscam o encontro necessário. Fora de foco, desperdiço abundâncias, nomeio o valor da estima guardada, faço o relato alegórico que termina consagrado no silêncio do anonimato.

INIMIGO PEQUENO

Não existe inimigo pequeno. O inimigo sempre avança de forma silenciosa, perturba, se consagra pelo sacrifício; como autor de ansiedades, gera discussões, enfurece os pacíficos, assiste feliz à tragédia, busca as vítimas, fazendo-as feridas.



ÚNICA MEMÓRIA

Como única memória, o corpo revela todos os mistérios, conjuga todos os tempos, reveste de marcas a pretendida imortalidade.



DESERTOS PERIGOSOS

Caminho por desertos perigosos. Vi com meus próprios olhos, perdi o equilíbrio, desorientei-me nos quatro pontos cardiais: oliveira, palmeira, cedro e cipreste situados em grande diferença, entre o mar e a montanha. Lugares sobrenaturais, místicos e rodeados de vazios cercados por histórias delicadas que se escrevem nas dunas eretas, invertidas, extravagantes.

UMA HISTÓRIA

Quando se inicia uma história, não se dimensiona epílogos.



BANALIDADES

As emoções, cansadas de serem nômades, saem da norma em busca da estabilidade, um ancoradouro que não pertença a nenhum reino. Dedicam-se à procura de um lugar sem fronteiras onde possa existir a harmonia e encontros favoráveis, e onde sejam escassas as banalidades.



O HÁBITO DA MENTIRA

O hábito da mentira paralisa os lábios do fofoqueiro quando chega a hora de pronunciar a verdade. Seja qual for sua categoria social, avantajada ou ultrajada, o fofoqueiro está sempre disposto a adular os poderosos e a enganar os humildes, mentindo a ambos...

NOVOS ALENTOS

Novos alentos conferem aos mais necessitados uma sobrevida nos momentos delicados, quando contínuas perdas os atingem. Ocupados em recuperações diárias, eles quase não têm tempo para chorar. Mesmo sem saber se e como haverá o amanhã, os mais necessitados trazem uma reação enraizada na própria história, da qual faz parte uma incansável busca por uma saída de emergência.



AQUELE FOGÃO

Com o passar do tempo, entendi que aquele fogão a lenha vivia mais de cheiros e aparências do que qualquer outra coisa. Parecia ora um altar, ora um monumento. Ali, o encontro diário se motivava para encontrar pessoas, e junto a elas juntarem-se histórias e receitas: algumas de culinária, outras de sobrevivência.

PERDA TOTAL

A perda total não tem franquia, não deixa vestígios, nega a originalidade, oscila entre o pouco e o nada, esvazia, desmemoria, emite silêncios. A perda total, instala o imediato, antecipa o transitório, que distancia.



RAZÕES ALHEIAS

Do outro lado do prejuízo e da exclusão sempre haverá de estar alguém impermeável às razões alheias.



AQUELA FOTO

Aquela foto que acolhia olhos saudosos agora acumula pó.

AINDA SOB A ESPERANÇA

Desminto em tempo integral que a esperança tenha sido liquidada, embora às vezes tenha sido negociada, convertida em moeda, reduzida a “coisa”, denunciada como vazio sonho, herdeira da irreabilidade, fundadora do engodo, demitida sob suspeita de farsa. Resisto em vê-la como adjuvante do capital que pouco me importa.



AMIGOS DE INFÂNCIA

Os amigos de infância são aqueles que nos recordam do nosso passado enquanto nós lhes recordarmos do seu.

NOVAS CONQUISTAS

Subterrâneos de reserva produzem sonhos com novos conteúdos. Desejos carnosos e gestos ternos analisam seus efeitos, o tempo de duração, o espaço conquistado, confirmando ou desmentindo novas conquistas.



UM FENÍCIO

Há um fenício que repete dentro de mim que a essência está no prazer de fazer-se o que se ama, aquilo em que se acredita, inovando para despertar curiosidade naquele que nos ouve ou lê.

AS GRAÇAS

Às graças bastam ser simples, acessíveis, ao alcance dos olhos e das emoções no pé bailarina, na lágrima do drama, na plasticidade da ginasta, no olhar do amante, na concessão da oferta corporal que inaugura, na leveza da dança, na água da fonte, na criança que dorme em paz, na paz sonhada, na última certeza.



SONHOS FERIDOS

Tenho sonhos feridos, pecados que valeram à pena. Carrego uma pobreza entranhada de ganâncias, tenho segredos revelados, intolerâncias rudes. Tenho um sigilo prescrito, preconceitos vencidos e súplicas não atendidas. Tenho afetos em desuso e a competência aposentada.

SUSTENTO

Sustento-me. Administro a abundância e a escassez, povoo o abandono, humanizo a exclusão, tento vencer o medo, memorizo para inovar, valorizo as origens para ter memória.



PRIMITIVA

A ingenuidade de quem promete e a de quem nela acredita é sempre primitiva.

Roberto Curi Hallal

